



A Santa Sé

PAPA PAULO VI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 11 de Novembro de 1970

Os motivos da Viagem ao Extremo Oriente

Suposições tendenciosas e falsas

Desde que foi dada a notícia da Nossa próxima viagem ao Extremo Oriente, sentimo-Nos envolvido, para não dizer assaltado, por uma pergunta, que se apresenta de muitos modos, mas tem uma só direcção: porque esta viagem ? E, para responder a este porquê, fazem-se muitas suposições, algumas das quais têm a intenção de privar a viagem da sua verdadeira importância. Seria, segundo algumas pessoas, uma excursão turística, uma exploração informativa, uma concessão ao gosto moderno de viajar e de estar em movimento, um pretexto para fazer propaganda, etc..

Outras suposições, ao invés, atribuem intenções ocultas, polémicas ou políticas à viagem; ou, então, interesses de todos os géneros, influxos diplomáticos passivos e activos; ou, ainda, apoio a certas correntes ideológicas e sociais, e assim por diante.

Certamente o Papa não faz uma viagem sem ter finalidades especiais e importantes. O tempo, os meios e as forças não lhe seriam suficientes, para fazer semelhantes viagens de turismo ou de repouso. Deve haver algumas razões. O facto de já ter feito outras viagens, precedentemente, não é um motivo que justifique uma nova, tão longa e complicada.

O conceito de apóstolo

Então, porquê? Antes de tomarmos esta resolução, Nós próprio dirigimos a mesma pergunta à

Nossa consciência: porque esta viagem ? E necessária ? Não é suficiente exercer o ministério apostólico da cátedra romana? Não é uma complicação inútil, que os Papas precedentes souberam evitar ?

E a primeira resposta, a que agora vos damos, nasceu exactamente da Nossa consciência apostólica. Que significa apóstolo? Significa mandatário, enviado, embaixador, encarregado de cumprir uma ordem, num lugar distante; significa missionário, mensageiro, nuncio. Este é o sentido originário da palavra, sentido que, depois, na concreta realidade histórica, se enriquece com um conteúdo muito mais profundo, substituindo, no Evangelho, o discípulo eleito (cfr. *Lc* 6, 13), e assumindo outras funções e significados, como o de testemunha (cfr. *Act* 1, 8; 2, 32; 5, 32; 10, 39), de mestre (cfr. *Mt* 28, 19-20), de ministro da fé (cfr. *1Cor* 3, 5), revestido de poderes religiosos (cfr. *1 Cor* 4, 1), de pastor (cfr. *Jo* 21, 15; *1 Pdr* 5, 2) e de bispo (cfr. *Act* 20, 28).

Por isso, podemos dizer que no múnus apostólico está incluída uma missão itinerante, destinada à expansão e à consolidação da Igreja (cfr. *Act* 15, 41; 16, 4). Esta missão, porém, não esgota a amplitude multiforme do múnus apostólico. Deste modo, o título apostólico poderá ser atribuído a três termos distintos: à investidura do mandato específico de Cristo, a pessoas que foram escolhidas por Ele, e por Ele próprio chamadas « apóstolos »; à difusão do Evangelho e da Igreja, e temos o apostolado; e, por fim, à derivação autêntica da obra permanente do Espírito de Cristo na Igreja, e temos a apostolicidade.

A colaboração humana com a acção de Deus

A verdade, porém, é que o apóstolo é, de facto ou de direito, um peregrino nos caminhos da terra, em toda a sua distancia, «até à extremidade da terra » (*Act* 13, 47). E também é verdade que a economia do Evangelho, ou seja, o seu anúncio aos homens, de homem para homem, a sua expansão no mundo e no tempo, é, realmente, obra do Espírito Santo, mas exige a colaboração dos homens que se consagram a este grande e árduo ministério. São Paulo diz: «Nós somos cooperadores de Deus» (*1 Cor* 3, 9). E Santo Agostinho, ao comentar o mesmo conceito, expresso na primeira carta do apóstolo São João, confirma: «Deus quis que os homens fossem as suas testemunhas» (*In Joannis Epistolam ad Parthos*, 1, 2, em: *PL* 35, 1979).

Esta conhecidíssima doutrina tornou-se impelente no Nosso espírito, sob a pressão de mais dois motivos (para não mencionarmos agora outros, ocasionais e determinantes), que são: por um lado, a possibilidade técnica de fazer viagens muito longas e rápidas, sem nenhum cansaço físico (São Francisco Xavier e os missionários de outrora não tiveram certamente uma comodidade tão sedutora); e, por outro, o aparecimento, na Igreja, de uma nova consciência da sua vocação missionária, despertada pelo Concílio com uma ampla visão teológica e com a exortação, a todos os fiéis, a concorrerem pessoalmente para intensificar a actividade missionária da própria Igreja. O poder e o dever determinaram o querer.

A solícitude por todas as Igrejas

Não pretendemos dar qualquer importância simbólica ou profética à Nossa iniciativa, que se torna um fácil hábito para o homem moderno. Mas não quisemos renunciar aos meios de que presentemente dispomos para as comunicações sociais e os deslocamentos pessoais, com o propósito de, pelo menos, dar o exemplo de fidelidade à solícitude apostólica, que é própria do Nosso ministério, a *sollicitudo omnium ecclesiarum*, o cuidado, o desvelo, o amor por todas as Igrejas (2 Cor 11, 28). A Nossa viagem, qualquer que seja o valor que possa ter, pretende ser um testemunho apostólico, uma exortação missionária, uma prova do interesse supremo do sucessor dos dois apóstolos e mártires romanos, São Pedro e São Paulo, pela pregação e difusão do Evangelho de Cristo no mundo. É este o « porquê » da Nossa viagem.

Enquanto tantas contestações afligem a Igreja, interna e externamente, enquanto vozes estranhas ousam discutir sobre a necessidade de suportar tantas canseiras para converter, à fé católica, tantos povos e pessoas, que ainda não possuem a luz e a vida de Cristo, e enquanto alguns homens têm a presunção de abrir, com carismas arbitrários próprios, os caminhos da salvação, prescindindo do instrumento hierárquico e do sinal eclesial, que emanam da vontade de Cristo, Nós, com humildade e confiança, queremos atestar que, hoje, a Igreja Católica é necessária, pedindo a todos os seus bons filhos e a vós, filhos caríssimos, que vos associeis espiritualmente a Nós, nesta singular e activa invocação ao Pai celeste: venha a nós o vosso Reino.